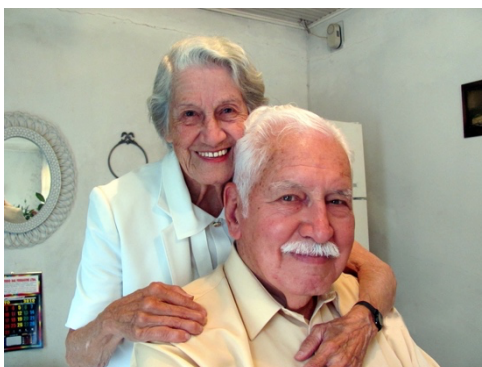


## A Trama do Tapeceiro

Quero lhes contar uma história sobre música. Uma história de família. Talvez não seja impróprio dizer que seja a minha história. Ou parte dela. Quero compartilhar como vejo gerações de músicos se entrelaçarem, formando uma rede de pessoas e igrejas (que conhecemos como "povo de Deus"), circunstâncias e fatos, cooperando, mesmo sem o saber, para anunciar, de mil modos, o evangelho de Jesus.

Bem, tudo começou nas redes sociais Facebook e WhatsApp. Dois ambientes virtuais dos quais participo.

No dia de finados de 2022, postei no Facebook uma foto da minha mãe com meu pai. Era o primeiro dia de finados depois da partida do meu pai, em setembro anterior. Mamãe já havia partido em 2013.



No dia seguinte à homenagem, o pastor Paulo de Oliveira Lima, que eu não conhecia, me enviou uma mensagem particular, no *Messenger* do próprio Facebook, perguntando se meu pai havia sido membro da Igreja de Nova Vida de Botafogo. Eu respondi afirmativamente. Em seguida, ele me escreveu:

Rubem, eu era jovem quando participei de um culto na Igreja de Nova Vida (INV) de Botafogo e seu pai estava ao órgão, tocando maravilhosamente bem, com sequências de harmonias funcionais que davam arrepios de tão lindas. Naquela época eu já tocava violão nos ritmos samba, jazz, bossa, baião e um pouco de estilo clássico.

Me formei em 1976 e fui servir no CINDACTA 1 aí em Brasília. Conheci aí Alex Dias Ribeiro, Aristeu Pires, o Zazo e o maestro Joel Barbosa da OCBRAS. Toquei em duas Mostras de arte Música Cristã de Brasília; numa delas com o saudoso Sérgio Paulo Muniz Pimenta.

Voltei para o Rio de Janeiro em 1984, onde vivo com minha família até hoje. Estudei teologia, fui consagrado ao ministério pastoral em 1989, e atualmente sirvo ao SENHOR na INV Botafogo, como pregador itinerante, cantor e músico.

Acompanho o seu belíssimo trabalho musical juntamente com o Toninho Zemuner.

Desejo a você sucesso no seu ministério e “faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma.” 3Jo 2.

Paz eterna em Cristo!

Reparem as referências ao "povo de Deus" que aparecem nesse espontâneo testemunho do pr. Paulo: Alex Dias Ribeiro, Aristeu Pires, Evaldo Amorese, Igreja de Nova Vida, Joel Barbosa, Paulo de Oliveira Lima, Rubem Amorese, Sérgio Pimenta, Toninho Zemuner e Zazo. Três gerações unidas pela música cristã na vida de um jovem músico.

Postei essa mensagem do pr. Paulo no grupo de WhatsApp "Hinologia Cristã"<sup>1</sup>. Ali, imediatamente repercutiram Aristeu Pires, meu colega de presbiterato na Igreja Presbiteriana do Planalto - IPP e pr. Paulo Brito, irmão querido do Rio de Janeiro.

Aristeu Pires comentou:

Tive o privilégio de conhecer e tocar com "seu Amorese" em Botafogo. Sofria no violão porque ele tocava nas "teclas pretas" porque os dedos não cabiam nas brancas, mas valia muito a pena. Tinha hora que dava vontade de parar de tocar junto só para ouvi-lo. Outra marca registrada dele eram os olhos sorridentes; a gente não conseguia ver a boca escondida atrás do vasto bigode, mas, os olhos sorriam de forma radiante! Saudades!

Em seguida, o pastor Paulo Brito:

Conheci o Evaldo Amorese (um tecladista elegante e harmonioso). Ele tocava o teclado nas reuniões da ABI no centro do Rio. Lá, a nossa igreja se reunia às quartas-feiras. Tio Evaldo enriquecia nossos louvores! Era mais que amigo! nunca o esquecerei!

Mas não termina aí. Na verdade, só começa. Do grupo de Hinologia Cristã fazia parte o maestro Samuel Kerr, que também fez contato, querendo saber mais sobre as músicas da dupla Toninho Zemuner e Rubem Amorese. Ficou curioso com o sobrenome Amorese, pois constava em um trabalho de pesquisa que fizera no ano 2000. Remeti-o para meu site, onde ele começou a ouvir nosso trabalho e, aqui e ali, entrava em contato, tecendo comentários. Parece que estava gostando. Maestro Samuel foi promovido à glória, em 17 de maio último.

Esses comentários nos levaram a conversar sobre sua dissertação de mestrado; na qual o maestro abordou a história da música na Igreja Unida de São Paulo<sup>2</sup>. E esse trabalho me levou a algumas descobertas interessantes: Samuel, ao historiar a formação do coro da Unida, refere-se ao Rev. Mattatias Gomes dos Santos que, em 1913, com a ajuda de alguns irmãos da igreja, entre os quais uma jovem chamada Evangelina de Toledo, criou o referido coral<sup>3</sup>. No mesmo documento, o maestro relata a compra do órgão da igreja, que teve entre seus primeiros organistas a jovem Evangelina; isso já em 1915.

A relação entre o Rev. Mattatias e minha avó paterna Evangelina (vovó Vange), vem do tempo em que esse pastor, recém-formado, evangelizou a família

---

<sup>1</sup> <https://www.hinologia.org> - <https://www.youtube.com/@hinologiacrista>

<sup>2</sup> KERR, Samuel M. *A História da Atividade Musical na Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo: uma fisionomia possível*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes da UNESP, São Paulo, 2000.

<sup>3</sup> "Ao ministro compete promover tudo quanto concorra para o progresso da Igreja, particularmente zelando com carinhoso cuidado do serviço coral, de modo que os hinos contribuam para o contentamento e intensificação espiritual da Igreja." É dessa forma que o Rev. Mattathias se expressa no editorial de "A Mensagem" nº 19 ano II, de 1º de abril de 1923. Fazia 10 anos que organizara o Coro da Igreja Unida, auxiliado por Gaspar Schlittler, Evangelina de Toledo, Taufik Daud Kurban e Aziz, quatro colaboradores cujos nomes o Rev. Mattathias sempre fez questão de lembrar.

de Romão Batista de Moraes, sogro de Evangelina de Magalhães de Lima Moraes (sobrinha da vovó Vange, por ser filha de sua meia-irmã Emilia). Esta segunda Evangelina ficou conhecida na família como “tia Ina” e foi casada com o filho de Romão, o Rev. Synval Filgueira de Moraes. Tia Ina era neta do meu bisavô Manoel Pereira de Toledo Magalhães, pai de minha avó Evangelina (Vange). Aí está a conexão.



Resumo a seguir o que se conta sobre essa proximidade:

Em 1903, um irmão de Romão Batista de Moraes chamado Manoel (um abastado madeireiro de São José do Calçado, ES, conhecido como Neca Batista), conheceu num trem o pastor presbiteriano Rev. Mattatias Gomes dos Santos, então pastor da Congregação Presbiteriana de Alto Jequitibá (Zona da Mata mineira). Manoel Batista de Moraes levou o Rev. Mattatias para pregar em São José do Calçado, ES. Há relatos de que foram realizados vários cultos nessa ocasião, três na casa do farmacêutico Benjamim Moraes e um na casa de Manoel, nos quais cerca de 150 pessoas ouviram com grande interesse acerca do Evangelho. Dali formaram-se os primeiros núcleos de crentes no Estado do Espírito Santo e mais tarde, a 10 de março de 1907, organizou-se a primeira igreja presbiteriana naquele Estado, em São José do Calçado, a qual recentemente comemorou seu centenário. Dentre os primeiros convertidos, sabe-se que toda a família Batista de Moraes abraçou o Evangelho: os pais João Batista de Moraes e Anna Maria de Jesus (vovó Aninha), com seus filhos Cecílio, Antonio, Manoel, Anna e Romão Batista de Moraes.

Vovó Vange certamente tinha ciência de todos esses fatos, mesmo morando em São Paulo, porque envolviam a família. E o nome Mattatias<sup>4</sup> seria imediatamente identificado como “familiar” ao ser convidada a participar da estruturação do coro da Unida, em 1913. Afinal, ele havia sido o instrumento de

<sup>4</sup> O Rev. Alderi Souza de Matos, historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil nos fala do Rev. Mattatias, neste vídeo: <https://youtu.be/M-G-XVRTZ84>

Deus para a conversão de todo o ramo Moraes da família. O pai da vovó Vange, Manoel Pereira de Toledo Magalhães, já falecido, fora presbítero, e havia participado, em 1888, da formação do Sínodo Constituinte da Igreja Presbiteriana do Brasil, no Rio de Janeiro.

No trabalho do maestro Samuel consta um jovem senhor, chamado Cataldo Amorese, que chega à Igreja Unida em 1924, viúvo, com quatro filhos, proveniente da dissolução da Igreja Metodista Italiana<sup>5</sup>. Ele era um bom tenor, e logo se incorpora ao coro da igreja. Não é difícil imaginar o que se seguiu. Casaram-se Evangelina e Cataldo, na própria Unida, em 1926. Desse casamento nasceram minha tia Ofélia e meu pai Evaldo. Em 1942, a família toda participou da organização da Igreja Presbiteriana de Vila Mariana (IPVM), em cuja ata de formação consta, também, o sobrenome Dumit Maluhy.

Vovó Vange, como a tratávamos carinhosamente, era professora do Mackenzie, e meu pai, ainda garoto, enquanto ela estava fora, tocava de ouvido o piano dela. Ele havia moldado a chave do instrumento na argila e feito uma cópia, que usava às escondidas. Certo domingo, no início dos anos 40, faltou organista na Unida. Prontificou-se a preencher a lacuna o jovem Evaldo Amorese. Para surpresa de todos (menos de sua mãe), não precisou de hinário; tocou de ouvido todos os hinos programados para aquela manhã de Escola Dominical<sup>6</sup>.

Terminada a segunda Grande Guerra, chega à IPVM um proeminente odontólogo, professor e ex-aluno da Faculdade de Odontologia de Piracicaba, Dr. Benjamim Martins, radicando-se na cidade, com sua esposa, Ignez Martins, e seus filhos e filhas. Logo se integram à comunhão e às atividades da igreja. Seus filhos, claro, integraram-se também à mocidade. Ali encontram os filhos de Cataldo e Evangelina, o jovem desenhista Olavo Pereira, e também os irmãos Rodolfo e Romeu Maluhy<sup>7</sup>, cuja família viera da Unida, em 1942.

Um dos filhos de Benjamim Martins tornou-se amigo de Evaldo Amorese: o mecânico Esdras Martins. Amigos de mecânica e eletrônica. Também se encontraram sua irmã Marina Martins e Evaldo. Naquela mesma mocidade, outros relacionamentos evoluíram para casamento: Esther Martins e Olavo Silveira Pereira e Ofélia Amorese e Romeu Maluhy. É provável que eu esteja omitindo muitos outros encontros, mas estes fazem parte da rede que consigo enxergar.

E eu vivi a me perguntar como mundos tão diferentes como os de minha mãe e de meu pai se uniram. Só tenho uma teoria: encontraram-se na fé evangélica e na música cristã. Meu pai, ao órgão, cativou minha mãe, que era violinista. Herdei dela o Stradivarius (de 1772) que ela ganhou de seu tio Darby Martins, também violinista.

Músicos natos, Cataldo, Evangelina, Evaldo e Ofélia deixaram esse legado de música amadora cristã. Eu comecei no violino, com estudos formais. Mais tarde,

---

<sup>5</sup> Em 1926, Cataldo havia se casado com Evangelina de Toledo. Dois anos antes chegara à Igreja Unida, vindo com um grupo grande, da Igreja Metodista Italiana, que fora extinta. Foi eleito diácono em 1928 e, em 1942, transferiu-se, com Evangelina e filhos para a então nascente Igreja Presbiteriana da Vila Mariana.

<sup>6</sup> Anotações de Evangelina Amorese, em seu diário: “Evaldo estudou um mês. Toca muito de ouvido, que tem magnífico” (1939. Liv-2). “Toca tudo de ouvido” (1945) Liv-1.

<sup>7</sup> O nome de Rodolpho Dumit Maluhy, consta entre aqueles que haviam vindo da Unida, para formar a Igreja Presbiteriana de Vila Mariana, juntamente com Gabriel Issa – primo da sua mãe, e Camilo Ashcar – tio de Rodolfo e Romeu Maluhy.

fui tocar os órgãos Hammond de meu pai e também violão, para colaborar com o grupo de moços da igreja. Agora, de ouvido.

Preciso explicar o plural de “órgãos Hammond de meu pai”. Papai consertava órgãos. Em especial, restaurava hammonds. E o método de cobrança dele era na base de “meses”: conforme a dificuldade do serviço, ele já combinava com o cliente quantos meses o órgão ficaria lá em casa, depois de pronto e aprovado. Então, sempre tínhamos um ou dois hammonds, na sala de casa. Um já funcionando e outro com as entranhas à mostra. Foi assim que aprendi a tocar (claro, não tenho metade do ouvido do meu pai).

Estou cercado de grandes talentos musicais, maiores que eu, tanto entre os Martins Pereira quanto entre os Amorese Maluhy.

Quando Aristeu Pires Jr. foi tocar com “seu” Amorese, na Igreja de Nova Vida, talvez não tivesse consciência da peça de tapeçaria que aqui tento esboçar. E da qual, de alguma forma, ele faz parte. Em poucas palavras, uma bela história: no final da década de 30, seu pai, Aristeu Pires, ainda jovem funcionário da ferrovia São Paulo–Santos, procurou ajuda de um conhecido dentista de Santos, Benjamim Martins. Durante o tratamento, vovô Benjamim soube de seu desejo de servir ao Senhor no ministério pastoral, mas também das dificuldades financeiras envolvidas, uma vez que, órfão, ajudava a sustentar seus irmãos menores. Benjamim o “adotou” para o ministério. História que segue, ele se tornou, para nós, o “tio Aristeu”, uma vez que passou a conviver com a família, nos tempos de folga do seminário presbiteriano.

Quando vim para Brasília, em 1975, foi-me recomendo procurar o tio Aristeu, pastor da Igreja Presbiteriana Nacional (IPN). Ali encontrei o “primo” Aristeu Pires Jr., com sua música inspiradora, de harmonia sofisticada e desconcertante. “Um monstro”, pensava eu (e ainda penso). Durante muitos anos, fui o guardião de suas composições. Ele vinha registrá-las em meu gravador de rolo. Com o tempo, tornamo-nos colegas presbíteros na Igreja Presbiteriana do Planalto (IPP), que ajudou a fundar, sob a orientação e incentivo de seu pai, meu “tio”. Aristeu Jr. era casado com Daisy Ribeiro, irmã de Alex Dias Ribeiro, nome citado pelo pr. Paulo Lima.

Aristeu menciona as teclas pretas. No velório do seu Amorese, o pr. Paschoal Piragine, da PIB de Curitiba, fez uma meditação intitulada: “As Teclas Pretas”. A lição que trouxe foi: se Deus lhe der apenas teclas pretas, faça delas uma bela harmonia. Depois, quando foi aberta a palavra à família, falamos sobre a razão para as teclas pretas e também contamos sobre como meu pai moldou a chave do piano da mãe dele: ela ia dar aulas no Mackenzie e deixava o piano trancado, para criança não mexer nele!

Toninho Zemuner, ex-Milad, e sua esposa Teca (Júlia Ester), chegaram à IPP em 1997. Toninho logo encontrou seu lugar no grupo de louvor. Seu dom musical era indisfarçável, tanto no baixo e no violão quanto para arranjos, composições e produção musical. Permaneceram como irmãos e alunos da Escola Dominical por anos; até que, em 2003, o Rev. Ricardo Barbosa chamou a nós dois e nos pediu novos cânticos congregacionais. Ele propunha ao escritor e ao músico temas específicos para os quais não havia muitos hinos ou corinhos. Mas eu não sabia escrever letras de cânticos. Toninho também não. Eu já havia composto algumas músicas, mas sem muito rigor; e já nasciam casadas com a melodia.

Sentei com o Toninho, e ele me passou o que esperava de uma boa poesia a ser musicada. Falou-me de estrutura, ritmo, cadência, rima e prosódia. Fui para casa com o desafio e, três dias depois, procurei-o com um rascunho. Ele o musicou em dois dias. Animado, fiz outro. Da mesma forma, Toninho não perdeu tempo. E assim, de 2003 para cá, temos composto em parceria.

Tive um contato indireto com o pr. Paulo Brito e sua esposa Claudete. Embora tenha estado em alguns dos cultos da Igreja Missionária Evangélica Maranata, por serem amigos de meus pais, foi por esse canal que passei a ouvir e apreciar seus cânticos. Gosto muito de sua voz de timbre inconfundível, e da sua harmonia, ao compor. São muitas e famosas em todo o Brasil as suas composições. Encontrei-as em congressos para pastores e leigos, nas igrejas, em fitas cassete, que meus pais me enviavam, e também na minha própria igreja. Uma fonte inesgotável de fé, inspiração e alegria.

Resta mencionar o Zazo, dentre todos os nomes citados pelo pr. Paulo Lima. Sim, Zazo Araújo também está insculpido em minha biografia pessoal e musical. Seja como músico extraordinário, seja como afetuoso amigo, ao lado de sua esposa, Doca.

Todos os meus cânticos, ao serem publicados, são acompanhados de uma explicação, de uma ementa. O cântico “Quem me Separará?”<sup>8</sup>, composto com Toninho Zemuner, tem a seguinte ementa:

No culto de 1/4/2007, o Rev. Ricardo Barbosa leu a passagem de Rm 8:31-39 (“quem me separará do amor de Cristo?”), ao convidar o povo para a oração. A igreja orou também pelo Zazo, internado às pressas. Foi quando concebi a letra, ao orar por ele. Na segunda-feira, ao meio-dia, a poesia estava pronta, e, na terça, já tinha a música do Toninho.

Toninho e Teca, amigos de longa data do Zazo, tiveram a ideia de levar a música para o hospital, e a tocaram para ele ouvir, com fones de ouvido. Zazo e eu nos encontramos logo que, milagrosamente, ele se recuperou. E temos sido amigos, desde então.

Zazo, ao violão, é para mim um exemplo inalcançável de informalidade reverente, liberdade orientada, alegria serena, improviso certo, beleza elegante e segura inspiração cristã. E quando a Doca resolve cantar junto, então, a madrugada que se cuida.

Nada posso dizer sobre Joel Barbosa e Sérgio Pimenta. Dentre os nomes mencionados por Paulo Lima, são os únicos que não têm ligação direta com minha biografia musical, embora seja provável que tenha sido influenciado pelos dois, por conta de sua obra.

Stênio Március, muito conhecido no cancioneiro evangélico brasileiro, fez uma música da qual me aproprio, no momento: “Tapeceiro”<sup>9</sup>. Ela fala daquele que conhece todo o desenho do tapete, e o vai tecendo. Para quem olha, o desenho pode não fazer sentido; em especial se visto pelo avesso; mas o Tapeceiro sabe perfeitamente o que está fazendo de nossas vidas.

---

<sup>8</sup> <https://www.facebook.com/100000607616926/videos/1964002320296669/>

<sup>9</sup> Tapeceiro – Stênio Március - <https://youtu.be/bllrfnwAe3g>